

Infraestrutura 79 ruim, herança do 'setembro negro'

Analistas destacam importância de documentos da crise da dívida revelados pelo GLOBO

LUCIANNE CARNEIRO

lucianne.carneiro@oglobo.com.br

Passados 30 anos da crise da dívida, a economia brasileira ainda enfrenta consequências daquele período, como a falta de investimentos em infraestrutura, apontam especialistas.

— A origem dos problemas de infraestrutura que temos está nos anos 80, quando o setor público, que era o grande responsável por isso, quebrou. A crise levou à transferência de recursos ao exterior. Isso acabou com o nosso crescimento, nos levou a conviver com inflação alta e destruiu o Estado — afirma o professor do Instituto de Economia da Unicamp Francisco Luiz Lopreato.

Avaliação semelhante tem o professor da Universidade de Brasília (Unb) e pesquisador do Ipea José Eustáquio Ribeiro Vieira Filho. Para ele, há uma escassez de investimentos em infraestrutura nos últimos anos:

— Há um déficit de investimentos ao longo de 30 anos que é fruto indireto do período. O país não fez investimentos em infraestrutura. Embora o Brasil esteja em trajetória de crescimento, nossa infraestrutura não permite um crescimento maior.

José Eustáquio Ribeiro Vieira Filho destaca, ainda, que o endividamento interno também tem relação com a crise da dívida externa:

— O governo assumiu alguns desses passivos externos e transformou em dívida interna. Houve uma transferência de dívida externa para interna.

Nos anos 80, a dívida externa disparou após a alta das taxas de juros nos Estados Unidos. Um fator complicador para Brasil e América Latina foi que a taxa dos empréstimos era flutuante.

— A taxa de juros não só da dívida nova era alta, mas de todo o estoque da dívida que era repactuada a cada seis meses — lembra Lopreato.

Economistas destacaram a importância dos relatos inéditos revelados pelo GLOBO sobre a crise. A preocupação do ministro de Relações Exteriores, Ramiro Saraiva Guerreiro, em memorando secreto ao então presidente João Figueiredo, foi um dos pontos destacados pelo diretor da EPGE/FGV Rubens Penha Cysne:

— Os alertas de Saraiva Guerreiro foram uma novidade.

Para o professor de Economia da PUC-Rio Márcio Garcia, a situação da economia brasileira hoje é diferente do passado — quando havia política de endividamento externo temerária e política fiscal inadequada —, mas ele lembra que é preciso cuidado.

— Ontem fomos nós (com crise de dívida), hoje é a Europa. Mas as coisas mudam muito, e podemos vir a ser nós no futuro se mudarmos o comportamento virtuoso — diz.

Na opinião de Rubens Penha Cysne, a crise da dívida mostrou que o Brasil reage fortemente a estímulos cambiais:

— O Brasil conseguiu reverter, em dois anos, um déficit em conta corrente significativo. A virtude anda junto com a necessidade. ●